

MASSACRE EM HOSPITAL

Explosão mata centenas de pessoas em Gaza e abre guerra de versões entre Israel e o Hamas

CIDADE DE GAZA, ISRAEL

O bombardeio de um hospital lotado que servia de abrigo a milhares de pessoas deslocadas na Cidade de Gaza, ontem, deixou centenas de mortos, desencadeou uma guerra de versões entre Israel e o grupo terrorista Hamas, gerou uma onda mundial de repúdio e tornou ainda mais complicadas as já difíceis iniciativas internacionais de diálogo para a criação de um corredor humanitário e a saída de estrangeiros do território palestino sob pesado bombardeio israelense. Como consequência imediata, foram cancelados o encontro de líderes árabes com o presidente dos EUA, Joe Biden, na Jordânia, e a reunião do Conselho de Segurança da ONU que iria votar uma resolução patrocinada pelo Brasil sobre o conflito e a ajuda humanitária a Gaza.

O ataque ao Hospital Árabe al-Ahli, o mais antigo da Faixa de Gaza, fundado em 1882, ocorreu no fim da tarde. Um foguete atingiu o prédio e, segundo o Ministério da Saúde do território, deixou ao menos 500 mortos — de acordo com o Hamas, as vítimas fatais passariam de 870. O grupo terrorista culpou Israel, que vem fazendo uma pesada ofensiva em Gaza como resposta aos ataques do grupo terrorista no sul do país, em 7 de outubro, que deixaram ao menos 1.400 mortos e entre 199 e 250 reféns nas mãos dos extremistas, além de milhares de feridos.

COLAPSO HUMANITÁRIO

As Forças Armadas de Israel disseram inicialmente, em comunicado, que hospitais não são alvos militares do país e que uma investigação estava em curso. Horas depois, um novo comunicado afirmou que “de acordo com informações de inteligência, provenientes de diversas fontes”, a organização extremista Jihad Islâmica seria a responsável pelo foguete que atingiu o hospital. Segundo os militares, ocorria um ataque de foguetes contra o território israelense, a partir de Gaza, no momento da explosão, e um dos artefatos teria tido uma falha e caído no hospital.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, acusou “terroristas bárbaros” de estarem por trás da tragédia e disse na rede social X (o antigo Twitter) que “aqueles que brutalmente mataram nossas crianças, também matam as suas crianças”. A Jihad Islâmica, no entanto, negou envolvimento na explosão. O líder do Hamas, Ismail Haniyeh, disse que os EUA também são responsáveis por “dar cobertura para a agressão [de Israel]”.

A ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF) classificou a explosão que atingiu o hospital como um “massacre” e “absolutamente ina-



Um grupo de pessoas observa corpos de vítimas fatais de um bombardeio ao Hospital Árabe al-Ahli, na Cidade de Gaza. Hamas acusou Israel, que culpou foguete falho da Jihad Islâmica

“Aqueles que brutalmente mataram nossas crianças também matam as suas crianças”

Benjamin Netanyahu,
premier de Israel

“Os hospitais não são um alvo. Este derramamento de sangue deve parar”

Médicos Sem Fronteiras,
ONG humanitária

“São exemplos dos ataques de Israel desprovidos dos valores humanos mais básicos”

Recep Tayyip Erdogan,
presidente da Turquia

ceitável”. “Nada justifica este ataque chocante a um hospital e aos seus muitos pacientes e profissionais de saúde, bem como as pessoas que aí procuravam abrigo. Os hospitais não são um alvo. Este derramamento de sangue deve parar”, disse o MSF em sua conta no X.

— Estávamos operando no hospital, houve uma forte explosão e o teto da sala de cirurgia caiu. Isto é um massacre — disse Ghassan Abu Sittah, do MSF.

O ataque ao hospital tam-

bém teve forte repercussão internacional, com implicações importantes para os esforços de vários países de deter a escalada da guerra e a busca de um entendimento para permitir a libertação dos reféns, a saída dos estrangeiros de Gaza e o estabelecimento de um corredor humanitário ao território. Entidades internacionais como a ONU e a Organização Mundial da Saúde (OMS) vêm alertando nos últimos dias que Gaza está à beira de um colapso humanitário devido ao bloqueio israelense, com escassez de água, alimentos, remédios e energia.

A situação é agravada pela fuga de ao menos 400 mil pessoas do norte para o centro e o sul do território, depois que Israel deu um ultimato para a evacuação geral do 1,1 milhão de pessoas que vivem na área, em antecipação a uma ofensiva terrestre.

A Jordânia cancelou um encontro de cúpula que teria a participação do presidente Biden, hoje em Amã. O presidente americano se reuniria com o rei Abdullah II, além dos presidentes do Egito, Abdel Fatah al-Sisi, e da ANP, Mahmoud Abbas, que já havia cancelado a participação mas cedo, logo depois da explosão. Biden se encontrará em Israel com Netanyahu.

Já o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, que tem um bom relacionamento com o Hamas e cujo governo está buscando mediar a libertação dos reféns, encampou a versão de

responsabilidade de Israel no ataque e disse que os ataques do país “são desprovidos de valores humanos”. Países árabes que têm se aproximado de Israel, como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, também criticaram o Estado judeu.

DESAFIO PARABIDEN

Além de manifestar solidariedade a Israel pelos ataques terroristas, Biden terá a tarefa de buscar o alívio do cerco israelense a Gaza, onde Netanyahu já disse que quer a destruição do Hamas. Desde o início da ofensiva de Israel, ao menos 3 mil palestinos já morreram e mais de dez mil ficaram feridos. Ontem, em reação ao ataque ao hospital, a Casa Branca se limitou a dizer que Biden enviou “as mais profundas condolências” às vítimas.

Altos funcionários israelenses disseram ao site de notícias YNews que “há uma lacuna significativa entre o que Israel está disposto a permitir e o que os americanos estão exigindo no que diz respeito à ajuda humanitária a Gaza”. Segundo essas fontes, “Israel está preparado para permitir apenas que o mínimo indispensável entre em Gaza para impedir uma crise humanitária, mas requer garantias de que a assistência não vai chegar ao Hamas”.

Um dos mais veementes opositores a qualquer ajuda à Faixa de Gaza é um dos principais aliados de Netanyahu em sua coalizão, o ministro de Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, de extrema direita. Segundo ele, “enquanto o Ha-

mas não libertar os reféns em seu poder, a única coisa que deveria ser enviada a Gaza são centenas de toneladas de explosivos pela Força Aérea, nem um só grama de ajuda humanitária”.

O chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, chamou de “absolutamente necessária” a visita de Biden, a Israel. Para Borrell, Biden deve transmitir ao país do Oriente Médio a necessidade de respeitar o direito internacional.

— Pedimos a Israel que desmova suas atividades de defesa em respeito ao direito internacional, que sejam abertos corredores humanitários através dos quais leve ajuda a Gaza, que se protejam os civis. Estou certo de que esta será também a mensagem [de Biden] — disse Borrell.

Autoridades internacionais também condenaram o ataque. O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, afirmou que o ataque “não está em linha com o direito internacional”.

Na Cisjordânia, protestos contra Abbas, tomaram as ruas de Ramallah e houve confrontos. O presidente da ANP, adversário do Hamas, é visto por muitos palestinos como inoperante diante de Israel. Por sua vez, o grupo fundamentalista islâmico libanês Hezbollah, que é aliado do Hamas e tem realizado ações contra Israel no sul do Líbano, convocou partidários a promoverem um “dia da fúria” hoje, em reação ao ataque ao hospital em Gaza.

O Hospital Árabe al-Ahli foi a 11ª unidade de saúde em Gaza atingida por bombardeios desde o início da guerra entre Israel e Hamas no dia 7 de outubro, de acordo com levantamento do jornal americano The Washington Post.

Em todo o território palestino, a situação é grave. As condições no sul de Gaza estão piorando rapidamente e algumas pessoas deslocadas já consideram voltar para o norte, de onde acabaram de fugir após um ultimato israelense, segundo trabalhadores humanitários.

— O sul não é seguro — disse Shaina Low, do Conselho Norueguês para os Refugiados, numa entrevista por telefone a partir de Jerusalém. — Muitas pessoas estão dormindo nas ruas.

ESCOLA ATINGIDA

A agência da ONU de assistência aos refugiados palestinos (UNRWA, na sigla em inglês) informou que um bombardeio israelense atingiu uma escola matando ao menos 6 pessoas e deixando dezenas de feridos. A escola mantida pela organização fica na região central do enclave e vinha servindo de abrigo para centenas de pessoas no campo de refugiados de Al-Maghazi.

— Isto é ultrajante e mostra mais uma vez um flagrante desrespeito pela vida dos civis. Nenhum lugar mais é seguro em Gaza, nem mesmo as instalações da UNRWA — afirmou Philippe Lazzarini, comissário-geral da agência.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 20